

SEMANARIO HUMORISTICO



Direcção literária de JOSÉ DE ARTIMANHA e DR. KNOX



DURANTE A CANÍCULA...



PROTESTO! TAMBÉM QUE. RO FÉRIAS

Os directores da gazeta, em férias, gozam como pretos

Propriedade da Empresa do Magazine «Civilização» L.ª

Redacção e Administração,  
Rua do Almada, 107-2.º  
Telefone, 1819 — PORTO

Composto e impresso na  
Imprensa Portuguesa,  
::: Rua Formosa, 116 :::

EDITOR:

E. COSTA MONTEIRO



Direcção literária de:

JOSÉ DE ARTIMANHA  
DR. KNOX

Condições de assinatura:

Continente e Ilhas	
Ano . . . . .	45\$00
Semestre . . . . .	24\$00
Colónias	
Ano . . . . .	50\$00
Registado . . . . .	70\$00
Estrangolro	
Ano . . . . .	60\$00
Registado . . . . .	100\$00
Número avulso 1 escudo	
Anúncios: Preços convencionais	

# GRANDE CONCURSO DE JULHO

## PIM - PAM - PUM

A que toda a gente poderá ainda concorrer, segundo o plano do concurso, que publicamos nos n.ºs 65 e 66.

### RESULTADOS DA QUARTA SEMANA

#### NOTA

**Concorrentes que não podemos classificar por terem faltado com algumas Barracas.**

Sempre Pronto, Maria Raquel da Cunha Milhano, Eduardo M. Rebelo, Fernando M. Lopes Pintão, Pim-Pam-Pum, António Silva, Maria Pinto Moreira (Riana), Adelino Mendes Leal, Alberto Henriques da Silva, Alzira Reis, Joaquim Mota, Zé Barão, António Alvaro, Coração, Rossuna, Pirlampo, António Ferreira, Xico Zé, Vítor José, Luís Pinto, Duarte, Gertrudes Maria David, Zeus, Soe.

#### Concorrentes com 15 pontos:

Guicha, Rosa Maria.

#### Concorrentes com 14 pontos:

Pimpão de Altamina, Rucas, Rodrigues Pinho, J. Fernandes Gama, Vasco Amaro de S. e Silva da Costa.

#### Concorrentes com 13 pontos:

Maria Celeste, Bichinha Gata, Francisco Moutinho, L. Baia, Adriano Fernandes da Silva, Maria Julieta Pereira de Lima, Lize.

#### Concorrentes com 12 pontos:

Evaristo Teixeira, Monteiro II, Domingos Ferreira da Silva, Ruy Altamira, Maria Regina, Conceição Pereira de Lima (Serigaita), Dilia Galo de Moncorvo, Maria R. Lopes, A. Martins, Maria Rosa Moreira, A. Lopes, Maria Manuela, Fuinha, Maria Alice, Zé Lopes, Miramar, Miquinhas, Lamizé.

#### Concorrentes com 11 pontos:

D. Tancredo, António Dias Pereira, Belmiro António da Silva Porto, António Alves Barbosa, Miky, Nanachim, António Carneiro, Terco dos Tercos, Charlot, Pum-Pam-Pim, Calma Zé-Zé.

#### Concorrentes com 10 pontos:

Joreca, Aureo Amândio Martins, Francisco de Oliveira, Maria Lagia Pereira, Saxies 3.º, T. A. T. C., Frank Old, João Ninguém, Belsai Successora, Maria Cristina de Barros Queiroz, Arsénio, Horácio Ferreira, O Amaral.

#### Concorrentes com 9 pontos:

Fé, Lafayette 1.º, José Ferreira Tavares, Juca, António Baptista, Francisco Teixeira, R. Andrade, Maria Helena Aguiar Neto, Adriano X. Nel, Sécoalho, Max, D. José, D. Quichote, Gomes de Oliveira, Eduardo de Almeida Rodrigues, D. Pilo, Bucha & Estica, Rogério Vermelho, Martoff & Stogoff, Joaquim Gonçalves Matias, José Gil Pimentel, José de Carvalho, D. Lopi, P. Daço, Francisco de Oliveira Charneira, Sá Bichão, Otter, Kikinho, Altamiro Pinto de Abreu.

#### Concorrentes com 8 pontos:

Manuel de Oliveira, Gardine Couto, Kateleb Elmá, Bastos de Oliveira, Maria de Jesus Vieira Cunha, António Augusto, Marília, Rei do Orco, Emilia da Silva, Zangorlipanfas, Manuel da Silva Guimarães, Luis Gomes da Silva, Frei Caneca, Herculano Ribeiro Teles, Belis, Fernando Coelho, Piroloito, António Pinto, Só Darco, Rutra Luar, António Lopes, Alcino, Rei dos Nabos, W. X., João Rodrigues P. Salvador, João Tino, O Homem que nunca ri, Artur de Almeida Barbosa Campos, Rosa Ferreira da Silva, I. A. de O.

#### Concorrentes com 7 pontos:

Flor de Liz, Luis de Oliveira Duarte Marçal, Sepol, Domingos Dias dos Santos Nunes, Perdigota, Moisés Pimenta da Costa, Maria Lamas Campos, Manuel de Figueiredo, Octávia Maria, José de Oliveira, Domingos Serqueira, Maria Rodrigues, Tripeiro, Maria de Lima Reis, + ou, Pavão Real, Sou um burguês Terrível, João Afonso Ratão, Rosa Branca, Arrebenta Concursos.

#### Concorrentes com 6 pontos:

Maria da Conceição Lamas, Margarida e Maria, Joaquim Teles Cabral, Manuel André F. da Cunha, Alvaro dos Santos Coutinho, Alexandrino Machado, Manuel Augusto da Silva Vieira, Alma até Almeida, Auto Marques, Schippy, Eduardo Lobo de Avila, Maria Arminda.

#### Concorrentes com 5 pontos:

Joaquim Gonçalves, Maria Isabel Ferreira da Cunha, Fantasma Negro, Luis Sarmiento, Carlos Baptista, Alma a'é Almeida, José Amadeu Martins de Lima, José Rosas da Costa, Fernando Afonso Rodrigues da Silva, Elvira Rodrigues da Silva, Augusto dos Santos, Faco, Zé Elias, Joaquim Mesquita de Meneses, António Castro.

#### Concorrentes com 4 pontos:

Delfim de Freitas, Francisco Augusto Ventura, Joaquim de Abreu, Manuel Tavares, Amâncio Peixoto, Joaquim da Silva Tino, Joaquim da Silva.

#### Concorrentes com 2 pontos:

João Monteiro Almeida, Alvaro Guedes



# Factos e prestações

## Crónica anacrónica

Toda a gente sabe que o templo de Santa Cruz de Coimbra é digno de ser visitado pelos turistas, atendendo não só à beleza da sua arquitectura externa e interior, como ainda aos túmulos reais que na sua capela-mór alberga. Por este motivo, não há ninguém que passe umas horas na cidade de Minerva que não demande a Praça 8 de Maio, procurando o ingresso em Santa Cruz.

Acontece, porém, que, nestes dias de calma canicular, nem todos os turistas do sexo feminino viajam de casaco de peles afogado no pescoço ou de *water-proof* abotoado até aos tornozelos. As senhoras apresentam-se como a moda e a estação lhes ordenam: orla da saia beijando as barrigas das pernas, braços nus e um decote maior ou menor, consoante as posses... físicas de cada qual. E acontece também que o sacerdote superintendente da igreja entrou de embirar com essas *toilettes* sumárias, que deixam ver umas clareiras de epiderme, e adivinhar muitíssimo mais.

Por esse motivo, deliberou o sensível capelão pôr em prática na sua igreja a moderna lei que regula a indumentária nas praias. O seminário ficou rigorosamente interdito. Dama decotada, de braços ao léu, ou que não varra o chão com a saia, fica à porta. Os manes veneráveis de D. Afonso Henriques e D. Sancho não podem ver semelhantes poucas vergonhas. E' de crer que também o espirito de Santo António vaguicou sob aquelas abobadas que tantas vezes ecoaram sob a vibração da sua voz. Mas esse, vendo as senhoras assim vestidas, decerto se não zanga. Sobretudo se as visitantes forem bonitas. Quem compunha os cântaros partidos às raparigas e lavava aos habitantes do mar, certo sorrirá ao contemplar peças de boa loiça e meia dúzia de peixões.

Vence, porém, no pleito a austeridade do vencedor de Ourique. Senhoras de pernas, braços e peito à mostra, não poderão ajoelhar perante o sarcófago de quem trazia sempre essas regiões do corpo envoltas em cota de malha. Nem poderão dizer-lhe, como o valente Pinto da França:

«A teus pés, fundador da monarquia...»

Ficarão na rua, como os antigos anatematizados. E a sua vingança será entrarem no restaurante ao lado — um estabelecimento irreverente e profanador — a fim de tomarem um *cocktail* bem século XX e dois sorvetes de ananás...

Para que não levantem a grimpá os que temem por sestro dizer mal de Portugal, cumpre-me anotar desde já que factos como o que estou comentando não sucedem só na Lusitânia. Também na Espanha, antes de o general Azaña ter enchido o país de tanta liberdade, que até concedeu às mulheres o direito de entrarem seminuas na casa do Senhor. E com toda a razão. Porque a religião nada tem com os decímetros de pano, a mais ou a menos, que cobrem os corpos femininos. Santa Maria Madalena, por exemplo, é representada pelos pintores cristãos numa *toilette* que eu, apesar de ser homem, me recusaria a usar. E que diremos, então, de Santa Maria Egípcíaca? Essa, apenas transpôs o Jordão, depois de ter pago

aos barqueiros com uma moeda que hoje em dia vale ouro e é a única que se não desvaloriza, atirou para as sarças toda a roupa que envergava, e passou a andar inteiramente nua. Assim viveu nada menos de meio século, e foi nesse lindo preparo que S. Pacómio veio a encontrá-la, mais tarde.

Também na Itália acontece o mesmo. Mulheres que penetrem num templo, só podem mostrar, do que Deus lhe deu, o palminho da cara. Mas aí o génio púnico dos naturais inventou um novo ramo de comércio: instalaram-se junto das igrejas alugadores de trajes e agasalhos. Senhora que pretenda ir à missa, vai pela rua vestida à-la-moda — como escreveria o Professor Ricardo Jorge —, entra no algibebe, calça polainas até ao joelho, cobre os ombros e os braços com uma capa, — e depois de ouvido o ofício divino restitui o indumento emprestado a tróco de uma lira. Não de confessar que é eminentemente prático, e em tudo digno da pátria de Mussolini.

... Aviso aos *costumiers* portugueses, e em especial ao nosso querido amigo Jaime Valverde, sempre a queixar-se da crise. Já que os teatros não dão, podem as igrejas substituí-los

## Os "Lusíadas" ilustrados

IX

FERNANDO DE SOUSA



...o Céu nos favorece, e Deus o manda.

Canto 2.º — LXV.

com vantagem. Qualquer coisa serve, contanto que tape: dominos, varinos, sobretudoos. E quem sabe se ainda veremos, na festa dos Congregados, as nossas elegantes — de capote alentejano?

Marçal Jordão.

## Pronúncia difícil

O jovem Luís Morais  
Entrou em casa pingado  
Como um cacho. Uma das tais  
Borracheiras de arrasar  
O sujeito mais pintado.

A's escuras, na escada,  
Sempre a torcer o nariz,  
Estava a espôsa, zangada,  
A' espera do seu Luís.  
E quando ele assomou  
A' porta, todo pingão,  
Ela, irada, perguntou  
Assim, n'um ar retilão:  
— Podes dizer-me, maroto,  
Por onde andaste até agora? —  
Ele, sujo, quasi roto,  
Em voz bem pouco sonora,  
Respondeu-lhe, a gaguejar:  
— Eu... fui ao clube... jogar! —

Uma semana passara,  
E uma boa senhora  
A espôsa elucidara  
Que o marido a enganara,  
Pois que ao clube não fora  
Como a principio julgara,  
Mas sim a noite passara  
No teatro, a admirar  
A prestidigitadora  
Que então fazia furor,  
E que era uma pescada,  
Uma mulher, um amor,  
De alto lá com o charuto.

Ficou tão enraivada  
A espôsa do tal astuto,  
Que, à noite, lhe berrou,  
De cara congestionada:  
— Ouve lá tu, ó meu bruto.  
Meu grandíssimo aldrabão!  
Com que então  
Ao clube tinhas ido?  
E's um bandalho! Um perdido,  
Um ventas de fariscu!  
Onde tu foste, sei eu!  
Foste ver aquela artista  
Que é p'rita em jogos de vista!  
Ora nega, se és capaz!...

Ele, muito embatucado,  
Corado  
Como um rapaz,  
Respondeu, humildemente:  
— E' que... há dias, meu amor!  
Eu vinha um pouco... doente!...  
E embora pareça incrível  
Era-me, sim, impossível,  
Pronunciar d'um só fôlego  
A frase: — « Vim da sessão  
De prestidigitação! »

Dr. Knox.

## Balancete da semana

Vem no *Janeiro*. Em suculenta prosa, gastando uma coluna e algumas linhas, Júlio Dantas combate as ventoinhas, coisa, em seu entender, perniciososa. Tem razão. São de *Pêso* os argumentos. Falta-lhe só, de idêntica maneira, profligar com denôdo os cataventos, p'ra renegar uma existência inteira.

\*

O ditador Machado, alma de tigre e manhas de serpente, foi enfim afastado do cargo oficial de presidente. Confiado na força, foi tirano: e quando a tropa enfim o abandonou, num mêdo enorme ao povilêu cubano meteu-se num avião e desertou. Mau e covarde! Dono do poder, fêz tudo quanto em suas posses coube p'ra oprimir e vencer. Derrubado, — a tremer, no mêdo de que a vida alguém lhe roube, desaparece, sem ninguém o ver. «Saiba morrer o que viver não soube» dizia um grande poeta celebrado. Mas Gerardo Machado, ao cair, nem sequer soube morrer.

\*

Nos festejos da Régua, quem lá foi queixou-se de medonha exploração. Por um bife de boi, um copo de mau vinho e meio pão, levavam nos hotéis e restaurantes avultada quantia, qual se os romeiros mais os viajantes fôsem carneiros dignos de tosquia. Isto no coração da linda região que há muito já ganhou fama altaneira de cordial, fidalga e hospitaleira! Mas os tascos reguenses desprezaram, por agora, estas lérias, e entenderam que as festas se criaram para tirar o ventre de misérias. Tinha razão o escritor mordente que um dia se saiu com esta crítica: «dois portugueses postos juntamente, ou falam de política, ou procuram roubar-se mutuamente».

\*

Na praia de Carreiros, uma velha, vestida austeramente, lia a *Afrodite*, um livro dissolvente, encadernado em capa ultravermelha. Perto, uma rapariga de *maillot*, coxas à mostra e peito decotado, sentada à parte, inteiramente só, lê um livro brochado: prosa serena e calma, ungida de emoção e doce luz: a *História de uma alma*, de Santa Terezinha de Jesus. E eu quedei-me a pensar: Assim, dest'arte, se prova, de uma forma bem singela, que o ramo se coloca numa parte, e outra vende a mistela...

## Coisas da U. R. S. S.

Não sei se leram nos jornais do princípio da semana que os dirigentes da Rússia, levados por um natural escrúpulo de historiadores conscienciosos, resolveram abrir um a um todos os sarcófagos da família imperial.

Segundo a lenda, havia dúvidas de que o corpo de Alexandre III repousasse no argênteo ataúde que tinha o seu nome por fora. Dizia-se desde sempre que êste monarca, aborrecido com as rédeas do govêrno, falsificara a sua própria morte, e fora acabar os seus dias num cantinho siberiano.

E' claro que esta dúvida trazia alarmados os diversos Stalines actuais, os quais, não podendo refrear a impaciência por mais tempo, resolveram profanar a urna, esperançados em que o pecado da profanação lhes seria perdoado pela verdade da história.

Bem sabemos que, desde que a dúvida só impendia sôbre êsse imperador, desnecessário seria abrir a urna por um todos os mausoléus reais. Mas... quem sabe se os outros monarcas não teriam tido a mesma veneta que o grande Alexandre?

Esta coisa de reinar vem sendo um pesadíssimo fardo desde há muitíssimos anos.

De aí as razões por que os camaradas não estiveram com meias medidas e desataram a abrir urna a urna, tendo o precioso cuidado de seguir a ordem cronológica dos imperadores e das imperatrizes.

Final sempre era verdade. O tal Alexandre simulara a morte e metera no caixão meia dúzia de pesadas pedras absolutamente reais.

E aí está como, passados tantos anos, a decisão dos operários pôde comprovar uma lendária história. Abençoados almas, que entre tantas canseiras ainda teem tempo para repor a história no seu sitio e dar o seu a seu dono!...

E' verdade!... Esquecia-nos dizer que em todos os imperiais caixões foram encontradas jóias valiosíssimas que os *sorvietes* cuidadosamente retiraram e guardaram!

MARIA RITA é o jornal humorístico  
: : : : de maior expansão : : : :

**O amor agora já não é uma cobiça! — Adeus, mulheres de virtude! — Adeus, virtude das mulheres**

Referem os jornais que um grande médico inglês inventou um aparelho capaz de medir ou de pesar o tamanho do amor que sentimos pelo próximo, ou como o próximo é capaz de nos amar a nós mesmos.

Diz a notícia que o tal aparelho é complicadíssimo e formado por um enorme conjunto de stelióscopos (ca-tixa), mas isso pouco nos interessa. O que queremos saber é que desde hoje em diante quem possuir um aparelho destes é um tipo felicíssimo, porque escusa de ir consultar a bruxa de Rio Tinto para saber se aquela loura que lhe leva tantos escudos por mês gosta d'ele ao menos um bocadinho.

E' caríssimo hoje: mas dentro em pouco, raro será o homem que não ande de aparelho na mão para medir a profundidade do amor da mulher que o interessa. E não tardará muito tempo que certas ruas do Pôrto estejam chei-nhas de escritos pelas janelas, porque os enganados, ao olharem para as vibrações do aparelho, despediram as companhias.

E também não há de ser rara a mulher que ao encostar o vibrador às fontes do marido (é nas fontes que se colocam estas coisas) tenha um ataque de insolação por ver que a cozinheira era mais vibrátil para êle.

## O amor a pêso e a medida

O tal aparelho dos stelióscopos (lagarto, lagarto, lagarto) tem um dispositivo de tal arte que pesa convenientemente o grau do amor, ou lhe tira a medida absolutamente exacta, tal e qual o José Borges Alfaiate.

Portanto, uma rapariga que esteja para casar e possua esta maravilha, sabe logo na primeira entrevista quanto pesa o sentimento do namorado, e quanto mede a razão do seu affecto.

Esta coisa vem revolucionar o

mundo inteiro, que tremerá nas suas velhas bases.

Antigamente as nossas avózinhas iam para a igreja com os olhos absolutamente fechados. Já as nossas mamãs (dos outros é claro) gostavam de espreitar por entre os dedos. Mas as da geração de agora já levam as medidas certinhas, e o pêso exacto do que encontrarão pela vida fora.

Outrora dizia-se assim: «antes que cases olha o que fazes». Hoje deverá dizer desta forma: antes que cases vê se pesas convenientemente e se medes exactamente.

Porque, concordemos, deve ser muito triste encontrarmos uma companhia que não seja exactamente do nosso pêso e da medida do nosso corpo.

## Acabaram-se as patifarias conjugais

E cremos bem que de vez. Porque de hoje em diante, quando uma mulher, munida dos stelióscopos, vir diminuir a medida do sentimento do marido, sabe logo que anda moira na costa.

Por outro lado, quando o marido vir a medida a diminuir do lado da espôsa, não tem mais que fazer senão apalpar as fontes com verdadeiro cuidado, ou procurar nos primos da mulher a causa do enfraquecimento.

E depois disto ainda há quem chame ao invento uma maravilha da ciência. Ainda outro dia se inventou um aparelho para avaliar da mentira que se diz, e já hoje vem êste para se saber dos nossos sentimentos amorosos.

Dentro em pouco não poderemos trazer nada escondido.



## Primavera da vida à porta do Outono



Ei-los: o Manuel Guimarães, o Rui Leal e o Alceu. Este último já conhecido dos nossos leitores. Três artistas que prometem e que tem o Senhor exposto ali acima, na Associação dos Jornalistas.

MARIA RITA cumprimenta-os, dando um beijo a cada um. Que os manes lhes sejam propícios, perdoando a irreverência de alguns desenhos, de alguns barros e de uns tantos óleos, capazes de dar connosco de côcoras, às portas dos Congregados.

## A tomada de Côrte do Pinto

— Em três capítulos, os quais serão prefaciados brevemente —

### CAPÍTULO I

A noite levantou por completo o negro manto que cobriu a terra durante 12 horas consecutivas, partindo com ele debaixo do braço, não se sabe para onde, sendo por este motivo muito cumprimentada pelas avezinhas.

O grosso do exército Lusitano, caminhava com custo por sobre o aleatroado da estrada, entoando uma velha canção guerreira, que nós ainda hoje recordamos com saúde e cujo in- tróito é assim: —

Os olhos da Marianita  
São verdes côr de limão.

etc.; etc.;

D. Afonso Henriques, meditava em altos gritos sobre o sucesso de tão arriscada empresa.

Em compensação os seus soldados expandiam a cada passo o seu feroz entusiasmo, desejando a todo o transe travar relações com o material de guerra que os mouros arquivavam religiosamente nas suas pastas.

Um sargento, (que não era parvo nenhum) adivinhando o pensamento dos seus subordinados, pensou (e muito bem) que só poderia acalmar os ânimos recitando-lhes algumas poesias do Afonso Lopes Vieira.

Não se enganou o valente guerreiro. — Ao expelir (pelos lábios, é claro) os primeiros poemas daquele sujeito, a tropa, levantou a cerviz, e encarando o sol nascente pediu em altos gritos: — deem-nos o café.

O próprio D. Afonso Henriques, em face do arrazoado do seu sargento, num rasgo heróico da sua alma, abandona por completo a alto-meditação de que vinha sendo vítima sem o saber, e segreda aos ouvidos daquele valente qualquer coisa que não podemos ouvir.

O rei conquistador perguntou ao sargento o que significavam aquelas altas chaminés, ferragens de todo o modelo e formas esquisitas e que dali se avistavam ao longe? — E' a mina de S. Domingos, Majestade; ainda estamos a um dia de viagem da praça de Côrte do Pinto, respondeu o valentão.

— Manda descansar, passamos aqui o dia para criar forças para a batalha.

Quando o sargento ia fazer meia volta, diz-lhe ainda:

— Manda servir banacau aos soldados.

Este oficial, a-pesar-de inferior, era dotado de um pulmão, ou pulmões, que fariam inveja ao Miguel Fleta, talvez que por ser possuidor de uma fala metálica como as oficinas do Barreiro, ao receber a ordem emanada dos reais lábios, esticou o dólman com um violento puxão, apurou-se e, fechando os olhos (já de si bastante pequenos) berrou com toda a força. — Alto — e imediatamente os soldados puseram as armas em baixo.

### CAPÍTULO II

Até aqui temos apenas falado sobre o grosso da coluna de infantaria, mas vamos agora narrar o único e notável episódio do regimento a cavalo (cavalaria, Rusticana ou não, mas talvez Republicana).

A frente comodamente instalado na sela de veludo, vinha o nosso conhecido amigo Egas Moniz, falando só todo o caminho e em voz tão baixa que não foi sem custo que conseguimos ouvir-lhe as palavras que seguem:

— Vá lá um homem comprometer a sua palavra, fiando-se na boa fé destes maduros. Ora esta. Mas... quem me manda ser parvo?

— Deixa estar tacho que eu te porei as asas. — Se o castelhano fosse da raça do Kaiser, já a estas horas era homem a menos. — Deixemo-nos de parvoiras; nisso já eu não vou, que esta serviu-me de lição. — Entretanto vai-se apeando do cavalo, que prende a um poste da Vacuum à beira do caminho, e tirando a corda do pescoço, foi para a tapada da mina pescar à linha.

No acampamento reinava grande animação. Grupos de soldados tocavam harmónio e cantavam às vozes, outros grupos ainda, tocavam guitarra e cantavam fados da Maria Alice. Enfim durante este dia de descanso foi apenas gozar, comer e beber. — Entretanto Sua Majestade para passar o tempo, matava mósicas com um elástico, *sport* muito em voga nesse tempo e destinado apenas à nobreza, e à alta sociedade.

(Continua).

Antão.



## Pensamentos revolucionários

A que o Lénine não desdenharia chamar seus

Para governar bem deve fazer-se o mesmo que para escovar tapetes: sacudir forte, bater mesmo, sendo preciso, sem temor pela poeirada que tal acto levantará.

A-pesar-das ideias avançadas da época, poucas classes se podem gabar ainda da *hora da distribuição*; os carteiros, e poucos mais.

Vi outro dia uma mulher bem geitosa, a-pesar-de estar no seu estado interessante. E' declarou-me, convicta, que o seu filho, uma vez nascido, não iria à Igreja, a baptizar. E' o que se chama a verdadeira separação da Igreja e do estado... interessante.

A revolução, partida de cima, é quasi sempre o efeito da democratização da tirania. Partida de baixo, é sempre o efeito de um purgante.

Hoje já não se admitem etiquetas. A não ser nas roupas feitas e nas garrafas de bom vinho.

As grandes árvores genealógicas dos países da Europa foram obrigadas a expatriar-se, a dar um passeio de ida... sem volta.

Foi o-que se chama um *passeio público*... cheio de *árvores*.

Um soldado a quem não se pague o soldo é um autêntico viúvo.

Pois não fica ele, soldado, sem... *soldada*?

Os reis podem ser absolutos e relativos. Exemplo de um rei absoluto: o senhor D. Miguel. Exemplo de um rei relativo, o rei de copas quando o trunfo é oiros.

Dr. Knox.



## Para melhorar a nêspera

Há já bastante tempo que não trago (nem bebo) a estas brilhantes e succulentas colunas qualquer ensinamento, pelo que tenho recebido uma bazanada de protestos de pessoas que muito tem aproveitado com as minhas indicações.

Reüniu, por isso, o conselho da privada disciplinar, resolvendo baixar os preços dos géneros *lamentícios*, em vista da grande crise nervosa de que o homem foi acometido, na passada segunda-feira que vem, ó matites, ó matotes, que grande trapalhada que para aqui vai, e daí até lá não se conta nada se não... não; já se vê, está visto.

Ora, em face do rosto do *assucedido*, isto hoje muda de disco:

Vocês, com certeza, já repararam que a nêspera é um fruto vegeto-dinâmico da espécie das concu... bitáceas, assim como quem diz: desproporcionado. Em se esfolando e subtraindo o caroço, não fica nada para a gente chupar. Em compensação a banana é um fruto de que se aproveita tudo, *inté* a casca, pois há menino que a lambe que é um regalo!

Maneira de acabar com a anomalia apontada? Muito simples: com o enxerto. Mas, como nem toda a gente o sabe fazer na perfeição, vou exportar aqui o processo mais prático e usado... por quem o usa:

Escacha-se a nêspera, arregaçando metade para cada banda. *O' depois*, com certo geito, enfia-se a banana por aí dentro, dá-se-lhe umas voltinhas e deixa-se ficar a aboborar.

Experimentem, façam isso, e depois verão o belo fruto que apanham pelas bochechas.

Agora, no verão, é que estes enxertos pegam melhor, visto a nêspera ser um fruto muito fresco.

Bisnau.

## Posta restante

*Dilia Galo* — *Moncorvo* — Encantados com a sua carta. Oxalá Deus a acompanhe na *chance* que procura.

*Arcondi* — São um bocadinho escarlates, e nós não podemos inserir dessas coisas. Serão publicados dois e ficamos à espera de mais.

*Ladino* — Pode mandar o que quiser. Tentar não é crime. Desta vez aproveitamos dois epítafios. A quadra para o concurso chegou tarde.

*A. Ventura e Zé Caminha* — Sempre gratíssimos pelos excelentes recortes.

*Diliana* — Felicito-la pelo perfume que usa no papel. Temos cá um candidato a *ca'eca*, porventura o mais pequeno da nossa redacção, que anda preso pelos seus encantos, mesmo sem a ver.

# DESCANSO SEMANAL

Há por aí latão, chumbo, zinco ou cobre?!...  
Farrapo velho... Ferro velho!...

Começamos hoje por uma definição encontrada no *Jornal de Notícias* de quinta-feira passada:

## Retrato duma vaca

A vaca é um velho boi que tem a carne muito dura. Fazem-se escovas de dentes com o seu pelo. Dá-nos o seu leite e o seu vitelo. Tem chifres pegadinhos que duram sempre e que lhe estão soldados na testa. Põe os pés em tamancos que parecem unhas muito grandes. Quando entra no curral senta-se e ruma — e tanto ruma, tanto pensa na palha que tem no estomago, que ela volta-lhe á bôca.

Como víram, a vaca é um velho boi que tem a carne muito dura! E' fantástico mas é assim mesmo, e oxalá que o autor se não engane nunca ao beber o leite.

Com o seu pelo (dela) fazem-se escovas de dentes, assevera êle; mas nós apostamos em como é mentira, salvo se a vaca fôr também um velho porco.

E assim sucessivamente; tudo o que fica por ali abaixo merecia comentário, mas nós temos mais que fazer.

Também o nosso *Comércio do Pôrto*, de 4 de Agosto, bota lenha para a fogueira.

O redactor encarregado das notícias da provincia não pode abrir os olhos depois da meia noite e as provas são revistas ás 2 e meia da manhã. E' por causa d'êste desencontro que saem coisas desta natureza.

**JUGUEIROS (REGOA), 2** — São calores terríveis os que estamos atravessando, com os bons desejos de conseguir que a dilatação do mercúrio se comprima, os termómetros levem pancadaria basta, para ver se estes descem e temos umas frescuras. Esta madrugada, para poder conseguir umas frescuras esperamos pelas 3 horas da madrugada para conseguirmos obter o termómetro na relva do jardim 28 graus. Dentro de casa o termómetro marcava a bagatela de 32 graus a essa mesma hora. De dia, ao sol, os termómetros que medem menos de 60 graus, ao dilatar-se a coluna de mercúrio, partem.

Na madrugada de segunda-feira, que como é sabido toda a gente procura a fresca de noite que não pode encontrar durante o dia, era curioso ver em volta da Regoa quatro montes a arder, algum dos quaes ainda continua. Neste momento que escrevemos, vemos uma columna de fumo com mais de 2 quilómetros de

altura, próximo á estação de Covelinhas (linha do caminho de ferro Régua-Pinhão), que é outro monte ardendo.

Com os calores, falta de humidades havidas, até as pedras parece que ardem. Vai como em 1918, que parece ser o ano de calores e faltas de água da atmosfera e dos mananciais. Deus queira que não seja igualado na pneumónica. Quanto ao resto parece ser igual. Trigos, batatas, hortaliças, e até a vinha, que estava bonita, está desaparecendo. Temos um ano reduzidíssimo. — C.

Para quê fazer comentários a coisas desta natureza? Melhor o farão os nossos leitores do que nós mesmos.

Com certeza o homemzinho tem a dilatação do mercúrio comprimida de todo. Ou então é reduzidíssimo de cérebro...

O *Noticias* de Fozcoa é um jornal já de barbas brancas. Pois nem assim consegue deixar de trazer coisas espantosas. Vejam esta noticia de um falecimento e respectivo funeral.

## Falecimento no Rio de Janeiro do nosso saudoso amigo e conterraneo sr. José Augusto de Sousa

Após cruciante e prolongada enfermidade, acaba de exalar o seu ultimo suspiro o nosso amigo e conterraneo — Sr. José Augusto de Sousa.

Foi lá na cidade do Rio de Janeiro onde uma longitude imensa o separava de sua Patria, que ele viveu 30 anos, no seio de alto commercio, pois, era socio-chefe de uma das firmas bem importantes dessa praça, e lá também partiu para a Patria dos Ebitos!

Não foram poupados os maiores esforços para ser resgatada, a vida de tão illustre creatura, onde permanecêra por algum tempo na «Beneficencia Portuguesa», afim de sofrer uma melindrosissima operação, porém, foram debaldes todos os meios empregados.

O extinto era natural de Vila Nova de Foscoa, sendo casado com a sr.<sup>a</sup> D. Balbina Pires de Sousa, ambos residentes no Rio de Janeiro.

O sr. José Augusto de Sousa, recebeu na sua agonia todos os santos sacramentos pelo prior do convento do Carmo Frei Sebastião.

O enterro foi realisado ás 10 horas da dia seguinte para o cemiterio da Ordem do Carmo, onde compareceram altas personalidades da sociedade daquela capital.

Perdia-se de vista a enfindade de automoveis que conduzia o acompanhamento do nosso presado amigo, pois a simpatia que ele desfrutava era desmedida!!

Por onde se prova que o estremecido extinto foi vitimado por uma longitude imensa! Coitado! Que Deus o acompanhe e o livre d'ora-vante dos maus encarregados de fazer o seu elogio fúnebre.

## Cópia de uma carta encontrada na Secção de manuscritos da Biblioteca N.<sup>al</sup>

Dum Corregedor de Santarem ao Duque de Cadaval (ao tempo Presidente do Cons.<sup>o</sup> de Ministros).

III.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr.:

Se o meu nascimento me pôe na circumstancia de V. Ex.<sup>a</sup> me tratar por tu, cag... em mim;

Se o honroso cargo que exerço de Corregedor de Santarem, permite que V. Ex.<sup>a</sup> me trate por tu, cag... no cargo; Mas se nem uma nem outra condição consente semelhante linguagem, cag... no tratamento.

Queira V. Ex.<sup>a</sup> elucidar-me agora estes particulares, que porá religiosamente em pratica quem, com todo o respeito e veneração, protesta ser

De V. Ex.<sup>a</sup>

etc.

(A. ilegível)

Pela cópia: Amaral.

E ainda há por aí quem tome magnésia bisurada e óleo de ricino ao natural!...

## Os impossíveis dêste mundo

— Matar um amigo com um punhal... de papel.

— Trazer ao pescoço um cordão... de sapato.

— Fazer uma casa no cimo... de um pinheiro.

— Tocar violino com o arco... da Ponte D. Luis.

— Encher de vinho o túnel... da Estação de S. Bento.

— Pregar um botão com a linha... da Carris.

— Estar preso na prisão... de ventre.

— Ser encerrado na cela... de um cavallo.

Francisco Rodrigues

Para Pintar Use aredes

MURALINE

RUA DO ALMADA, 30-I.º — Tel. 2571

uma tinta que se

prepara em 10 minutos  
seca em 10 horas  
dura 10 anos

# PROJECCÃO DE BRAGA

Cruz Caldas entre as frigideiras — Bom Jesus não se joga, mas os números aparecem — A Comissão de recepção na ponta do lápis



Fernando de Araújo Lima e Viriato Carneiro

**N**O Largo da Estação, música de instrumentos de bufo e foguetes a \$30 centavos a dúzia aguardam, impacientemente, a chegada do formidável caricaturista Cruz Caldas.

Pouco a pouco, vêm chegando também, muito juntinhas, tôdas as entidades, tanto oficiais propriamente ditas como ainda intra e extra-oficiais; chegam-se também patrões e patroas.

A Comissão de Turismo tomou a iniciativa de não aparecer porque as últimas festas do Casino deixaram os



respectivos membros completamente arrasados.

Ao menos, podiam fazer-se representar pelas «sopas», visto o visitante ser poliglota e gostar de traduções de língua.

O caricaturista é o Cruz, e o Cruz é o Caldas. E como de Cruzes bem bastam as que fazemos na bôca, espera-se simplesmente o Caldas.

Caricaturista, e das Caldas, com certeza é de 5 litros (comenta-se). Na nossa terra não apita o cum... bois; não apita, mas chega.

A banda duma banda só ataca o hino da MARIA RITA enquanto da outra banda, estrondosa estalaria em foguetório lacrimogénio de comção.

Chegou o Cruz—Viva o Caldas!... Iniciam-se as apresentações:

## Paiva da Farmácia

Revolucionário quando dorme, republicano já antes de ter nascido, prefere o discurso de boas-vindas e lê um tratado de democratização entre as crianças de peito e as respectivas amas.

Oferece um boião do calicida que lhe deu o nome, para o Caldas extrair os calos adquiridos na carruagem da C. P.

## Baptista Ribeiro

Jornalista insigne de vida simples: casa, rua, café e ao contrário.

Baluartes dos principais na imprensa cidadina, único homem que diariamente se corresponde com o *Primeiro de Janeiro*.

Fala do *Berço do Salvador* e lamenta a Sociedade Dramática; contudo, um dia surgirá o «Berço da MARIA RITA».

Por enquanto vai-se entregando sua soneca.

## Alvaro Carneiro

Vida que se gasta entre a música e a composição.

Veio ao mundo agarrado ao violino; principiou a soltejar logo que mamou. De mal com as mulheres, compôs o tango *A Descrença*; reconciliado, deu à luz o *Tango de Amor*.

Faz notas a tôda a hora (mas não das de 500) para uma *élite musical* que só aprecia a... gaita de foles.



O homem

Toca tudo e para todos, e a êle... pouco ou nada lhe *toca*.

## Pintor Mendes

*Pinta, pinta, pinta bem...* como diz a cantiga, mas desta vez ficou pintado pelo Cruz Caldas.

Homem de quatro tacões: dois que necessitam poda porque crescem, dois outros que carecem de sola porque mingam.

Visto ao longe, parece o Sampaio + Além, em aumentativo.

Na pintura, gosta e gasta demasiado azul em fundo branco.

## O Homem incompleto

Assim ficou por se escapar ao lápis do caricaturista.

Portanto: interrogação. Homem mistério, mas não da Companhia Portuguesa. Homem de *letras*, cheques, descontos e transferências.

E' do *Espirito* e não é espirita. Ama tanto os seus empregados que os coloca a funcionar 182 horas no mês pelo preço de 150\$00.

## Zé Cerqueira Gomes

Como é de Braga, criou o «Bra-

nas horas de refeição e «ring» de patinagem para as horas de recreio.

Passagens directas para o Céu (aberto e fechado) sem tocar em qualquer outro pórtico por mais tripeiro que seja.

Encarrega-se da pensão para viúvas em bom estado de conservação.

Patenteia o «dossier» das cartas de agradecimento que lhe teem dirigido os enterrados e apresenta a medalha de ouro ganha na I Exposição Internacional de Defuntos, em Amsterdam.

## Fernando de Araújo Lima

Representado por um monóculo, uma bengala e um par de polainitos.

Como *Unido*, é dos dois *Reporters*.

Um novo que obra como qualquer velho, em literatura, é claro.

Escreve em 327 jornais e já teve duas crianças sem auxílio de intervenção cirúrgica — *Primeiros ensaios e Figuras de gelo*.

Brevemente dará a luz da publicidade:

## Mulheres de Satanaz

Conquista com facilidade louros... e fêmeas.

## Viriato Carneiro

Duas lentes das três dos *Reporters Unidos*. Meio quilo de carne e osso e 1 de Sal & Pimenta.

Traz por derrubar os seis pelos que, de dois em dois dias, deixa no barbeiro.

Humorista rubro de rosto verdoengo que se queixa da garganta e sofre do coração. Por isso gargareja tôdas as noites e toma, para regular as pulsações... *Águas do Bom Jesus*.

Deixa as raparigas apimentada se



Zé da Nova Brasileira e a chave do café

põe os amigos como o bacalhau salgado. Nasceu e criou «Sob os telhados de Braga».

Com tanto abraço, nota-se no Cruz Caldas 40 centímetros de barriga metida dentro.

Está na hora do almoço, e os *Reporters Unidos* desunem-se para o colocar no meio.

Porém o Cruz reponta: — Não, meus caros! Lá por ser das Caldas não tenho cara de **traço de união!!...**

**Reporters Unidos.**



Alvaro Carneiro, músico e compositor

ADÃO -- a camisa para os grandes calores

ADÃO -- pai das camisas... modernas

# † AQUI JAZ

== Continuação do concurso da MARIA RITA == 50\$00 ao melhor epitáfio publicado ==

Aqui jaz o caçador  
Adolfo Leite Faria.  
Era um bom atirador,  
Não falhava a pontaria.  
Mas um dia por desgraça,  
Encontra a morte; coitado!...  
Já nunca mais mata caça,  
Pois desta vez foi caçado.

Remetente: Monteiro II.

Aqui jaz um herói, que era um valente,  
Que vencer mil valentes sempre logra  
A' cacetada, a tiro, até a dente,  
para vir a morrer (morte indecente!)  
Duma dentada que lhe deu a sogra!...

Remetente: Arievalo.

Aqui jaz o Jorgelim,  
Alcoólico até mais não,  
Que morreu numa taberna  
Abraçado a um garrafão.

Remetente: A. C. Dias.

Aqui jaz Chico Correia,  
Que na vida foi bombeiro  
Morreu com a pança cheia,  
Junto à porta dum tasqueiro.

Remetente: Hó! Rei Artur 1.º.

Aqui jaz certo músico afamado  
Que à ré de belo barco outr'ora ouvi,  
Ao sol, numa cadeira recostado!  
Por não ter tido nunca dô de si,  
Lá foi morrer um dia, desolado,  
Quando não dava já nem fá, nem mi!...

Remetente: R. & Zotta.

Sob esta lousa gelada  
Dorme o sono eterno em paz  
O sacristão da Aforada  
Que se chamou José Brás.  
Para as beatas fingidas,  
Tinha um modo adocicado,  
Falava com tal ardor,  
Que pouco tempo passado,  
Elas caíam rendidas,  
Nos braços do sedutor.

E na hora derradeira,  
Já mal podendo falar,  
Dizia desta maneira:  
— E' triste assim acabar  
Deixando por consolar  
Tanta beata gaiteira!

Remetente: Rei das Musas.

Aquele que aqui jaz  
E' o «Landru» da Carris.  
Dos palavrões era um «ás»  
Mas sempre foi infeliz.  
Lá se foi o condutor,  
Já não quer mais «araminho».  
Deu a alma ao criador  
Com um «milho» no focinho.

Remetente: Fantasma Negro.

A' memória de Zé Pimpão,  
Médico mui competente,  
Que morreu de satisfação  
Quando salvou um doente.

Seus clientes—três mil e cem—  
P'ra melhor há muito idos,  
Que não mate mais alguém  
Desejam, reconhecidos.

Remetente: A. C. Dias.

Aqui jaz Rita Jasmim  
Que de espôsas foi modelo!...  
Nunca, em vida, usou carmim,  
Nem cortou nunca o cabelo!...

Remetente: R. & Zotta.

Aqui jaz o Columbano  
Que não sendo nada nércio  
Enguliu, por um engano,  
O relógio do «Comércio...»

Remetente: A. C. Dias.

Aqui jaz certo parceiro  
Que morreu 'inda rapaz,  
Do desgosto derradeira  
De não ganhar com o ás!...

Remetente: Arievalo.

## O teu amor!

Tu pedes, meu anjinho, piedade,  
Dizes que não me esqueces e procuras,  
Provar teu grande amor, tua amizade,  
Procurando para isso as maiores juras.

Eu bem sei meu amor as desventuras,  
A tua dor... enfim, a lealdade,  
Como as tuas constantes amarguras,  
Que pões nas tuas cartas, ó beldade.

Mas hoje, ao ler a carta perfumada,  
Escrita, creio eu, por tua mão,  
Eu passei, podes crer, bocados maus!...

Esse amor, amizade, a fé jurada,  
Tiveram a segundo transição:  
«Emprestas por favor cinquenta paus!..»

Luís Jacinto.

## A Adega Ideal do Lavrador

tem actualmente espalhadas no Pôrto, Foz, Matozinhos e Valadares-Gaia, 18 ADEGAS:  
R. do Bomjardim, 361-364 (Esq. da Trav. de Liceiras), Telef. 5617; R. das Fontainhas, 193-195;  
R. de Santa Catarina, 828 (Frente à R. G. Cristóvam), Telef. 5902; R. da Constituição, 1395;  
Av. Fernão de Magalhães, 53-55, Telef. 2484; L. Campo Mártires da Pátria, 54-55 (Vulgo Cor-  
doaria); L. Maternidade Júlio Denis, 1 e 2 (Vulgo Campo Pequeno); Trav. da Bainharia, 24-26 (Esq. da R. dos Mercadores), Telef. 905; R. Anselmo Braan-  
camp, 633; L. de S. Pedro de Miragaia, 5 e 7; R. Costa Cabral, 524 (Esq. Av. dos Combatentes); R. S. Vitor, 143-A; R. Alexandre Herculano, 44;  
R. Sacadura Cabral, 97. NA FOZ—R. Senhora da Luz, 238-242, Telef. 314—FOZ. EM MATOZINHOS—R. Conde S. Salvador, 71-73 (Esquina da Avenida  
Serpa Pinto, Telef. 275—Matozinhos. EM VALADARES—R. da Estação. EM LEÇA PALMEIRA—R. do Castelo, 17 e 19.

# Excavações na Cava de Viriato

## Salgalhada viseense

Por mais voltas que dê ao miolo, não há forma de encontrar qualquer notícia de sensação, para oferecer aos meus leitores, se é que os tenho.

Uma perfeita miséria de assunto, o que me leva a pedir-lhes as máximas desculpas, por a coisa ir assim aos bocados, sem tom nem som, mas como digo, a gente cá da terra não quer dar o mote, e, que hei de eu fazer?

Aproxima-se a Feira Franca, que, diga-se em abôno da verdade e com toda a franqueza, pelo programa que nos foi enviado, vê-se que a coisa vai ser de arromba, e duma franqueza a que não estamos habituados.

Com entrada franca a todos os forasteiros, tanto na cidade, como na Cava de Viriato, ela promete franquear as algebeiras a toda a gente.

E para amostra, aí vai o que o dito programa indica, como mais digno de ser observado por todos quantos nos deem a honra de uma franca visita.

A parte do programa a que me refiro, reza assim:

### O que em Vizeu, se torna digno de admiração

— O relógio de luminosos, da Câmara Municipal.

— A *Casimisa* do José.

— O *padre* do D. Macia.

— A *peessoa* do dr. Cardoso.

— A *Santa Rita* do Vasco.

— O dr. Jesuino Aragão, visto ao microscópio.

— O *projecto*, para o novo edificio da C. G. de Depósitos.

— O deslumbrante Hotel Casino, do Monte de Santa Lúzia.

— O *operário* Moreira, ter sido escolhido para director e orientador da tertúlia N. S., do Petit-Bijou, onde todas as noites é ouvido religiosamente, e em, que, de resto, o sujeito, mostra ter talento... como burro.

### Diz-se

— Que as apagadelas de luz que todas as noites, se veem dando, nos jardins do A. T., são provocadas por alguém, que em geral se encontra acompanhado por uma formidável *paixão*.

— Anda a tirar apontamentos, para a *história de um homem célebre*, focando-se a si próprio, o nosso Director, E. B.

— Há cá por Viseu, ainda umas infamiazitas, tendentes a inutilizarem uma pessoa de categoria, mas que por serem infâmias as não registo.

Zé Liró.

## Décimas... dentro do praso

### Fico desmascarado...

Mais uma grande invenção  
— Segundo o *Noticias* diz —  
Foi dada à luz em Paris  
E vai causar sensação.  
Um tipo, grande ratão,  
Mandou fazer, a primor,  
Um engenho tentador  
P'ra se saber, num momento,  
A grossura, o comprimento  
E mais o peso do amor!

Vou ficar atrapalhado  
Co'a minha terna Paqueta.  
Que nunca mais acredita  
No meu grande amor jurado.  
Co'o aparelho inventado,  
Logo vê as minhas tramas,  
Que do meu amor as chamas  
Nem atingem os perímetros;  
Tem uns descassos centímetros  
E pesa talvez cem gramas!...

Bisnau.

P. S. (para o «Olegna»)

As décimas que aí 'stão,  
Com rimas algo forçadas,  
Não há dúvida que são  
Já um pouco relaxadas...

B.

FOLHETIM DA «MARIA RITA»

N.º 2

EUGÉNIO SUA E EMBICA

## O Mistério da Rua de Entreparedes

Grande romance concentrado. Histórico, pre-histórico, futurista e de adivinhação

SEGUNDA PARTE

### Guerra ao Mistério!

Aquele ar enigmático da Casa Misteriosa fazia lembrar o da casa da *tecedeira de anjos* do «Crime do Padre Amaro». Alegre e tenebrosa ao mesmo tempo, fazia desconfiar, como a cara das meninas novas que se pintam, fazendo-nos pensar, nas mazelas que se encobrem, quando em muitos casos a única mazela é a pintura.

*Tadinhas* das patetinhas!

E que mazelas teria a Casa Misteriosa a ocultar aos olhos do povo? Se calhar, também nenhuma. Para quê, então, tanto recato, o perpétuo encerramento, como carneiro de família extinta, como sarcófago intangível de santo conspícuo e ultra-venêravel?

Ora quando um mistério começa a pôr em

fogo a imaginação popular, é necessário acudir a esse incêndio com as adequadas providências, para não deixar perturbar a ordem social e privada, base do progresso das nações.

Impunha-se, por conseguinte, uma minuciosa e larga investigação para matar os bichos carpinteiros dos que detestam tudo o que cheira a «arca encoirada», a «caixinha» arreliativa e impertinente.

Pôs-se então em campo a benemérita, instituição nacional dos Eseculeas do Bem Público, libérrima e activíssima corporação que não deixa pôr pé em ramo verde aos amigos do escuro, do incógnito, do inexplicável, de tudo isso que fede a mofo e gera toda aquela casta de bichinhos que se dão bem nas trevas e no abafado, incluindo o caruncho...

O aguerrida hoste que tanto fazes pela nacional prosperidade e mais farias se não vivessemos em época tão contrária a quixotismos!

Salvé! A tua indomável energia triunfará sempre das inundações de Sanchos Panças que de vez em quando assolam os povos! Nesta obra modesta em que brilhará o teu esforço sublimado em alta dose, eu quero contribuir para a tua fulgurante apoteose! (Rima e é verdade!)

Guerra, pois ao mistério, a guerra santa dos tempos modernos! Tudo à vista, como no artístico friso que aquele seráfico portão da ex-casa tuberculosa guarda numa atitude digna dum ode do ilustre autor da *Alma Lusitana*, o invencível poeta Artur Botelho.

(O autor fica à espera dela...)

Para que servem mistérios?

Aos que os fazem, servirão para o que lhes interessa; mas aos que os observam, servem só para lhes arrasar a cachimónia com conjecturas, raciocínios, dúvidas, suspeitas, tudo coroado por um nariz retorcido em mais de dez espirais, que em tradução vernácula se exprime pela sacramental e sibilina frase: «ali há coisa!»

E começa a campanha!

Lá veem os piquetes dos do Bem Público. Lá andam eles revolvendo, procurando, inquirendo, confrontando, ouvindo, vendo, cheirando, correndo, voando, sem dormir, sem comer, sem descansar, por causa do bichinho que está lá, lá dentro da Casa Misteriosa a roer, a roer...

E que se apurou?

O, horror!

Mas não tremam! não tremam!

Ficam concedidos oito dias de repouso aos nervos catapultados por esta tremenda história.

(Continua.)



# A PENSAR MORREU UM BURRO

ÓRGÃO IMPRESCINDÍVEL AO BOM FUNCIONAMENTO DO PENSAMENTO NACIONAL.

CHARADAS, ENIGMAS E PREGUNTAS SOFISMÁTICAS

1 ANO - N.º 21

DIRECTOR: ZÉ CAGANCHO • REDACTOR: REI DAS MUSAS

19 DE AGOSTO DE 1933

## QUADRO DE HONRA

**REIROBI  
OTROPAVLIS  
REI DO ORCO  
OTTER**

Decifrações do n.º 19 — 1) Tiro, 2) Cabeira, 3) Catano, 4) Nanja, 5) Serbeja, 6) Assistema, 7) Bitela, 8) Canairo, caro; 9) Birra, bira; 10) Maramota, 11) Vila Praia de Ancora, 12) Penajóia, 13) Vila Nova de Fozcoa, 14) Aso-biada, 15) Quem quer vai, quem não quer manda.

Decifreadores do n.º 18 — Fantasma Negro, 8; Monteiro II, 8; Seria, 5; Sargento Quim, 1.

Decifreadores do n.º 19 — Reiobi, 15; Otro-pavlis, 15; Rei do Orco, 15; Otter, 15; Horaciano, 13; Dília Galo, 11; Francisco Rodrigues, 9; Monteiro II, 9; Fantasma Negro, 9; Feirante, 7; Só Darco, 7; Sargento Quim, 4.

◆◆◆

## Enigma em verso

(A Bisnau, Olegna e Otropavlis)

(1)

Duas irmãs conheço neste mundo,  
Que, sendo amigas, sempre em guerra 'stão;  
Inseparáveis por amor profundo,  
Fingem amar-se como irmãs que são.  
Mas seu carácter desigual no fundo,  
Sempre as traz em constante repulsão;  
Mostra-nos uma o seu sorrir jucundo  
Enquanto a outra enluta o coração!  
Será que a mãe no ventre seu fecundo,  
Quisesse impor-lhes tal contradição?!

Edipo.

◆◆◆

## Charadas em verso

(Ao Olegna a propósito da sua charada n.º 2 do n.º 19)

(2)

Camarada 'stou sentida  
Com a sua indiscrição,  
Que me deixou mal ferida  
Em cheio no coração! — 1

De facto na procissão  
Eu de anjinho ia vestida;  
Mas não haja confusão,  
De vestimenta comprida! — 2

Talvez o píffão citado,  
Lhe tivesse conturbado  
A vista, naquele instante...

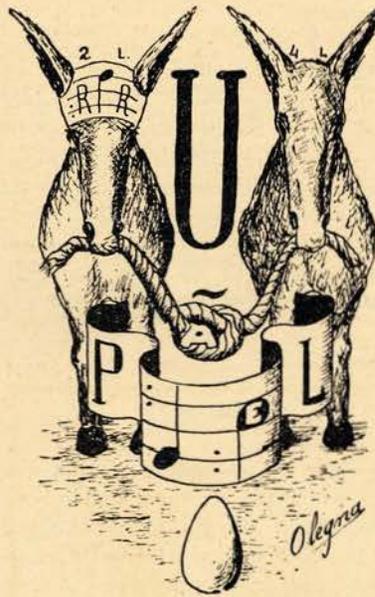
E logo, sem mais aquela,  
Lobriga as pernas à vela,  
Da modesta principiante!

Serigaita.

## Enigma pitoresco caciano

(Agradecendo a «Edipo» a parte que me toca do seu enigma)

(3)



◆◆◆

## Novíssimas

(4)

Ao vestir o casaco, irrite-se com suavidade. — 1-2.

Só Darco.

(5)

Este lódo, tirei-o com imensa graça dum lameiro. — 2, 1.

Quim Mosquito.

(6)

Acende a vela que eu já vejo a morte na minha frente, homem! — 2-1.

Sepol.

(7)

Tens inclinação para o mal, por isso o pai nem te dá o porco nem te matricula no estabelecimento escolar! — 3, 1.

Rutra Luar.

(8)

A vida de Niza, está aonde se guarda a louça. — 2, 2.

Kiçai.

(A' Serigaita)

(9)

Agora o homem, nem é... homem! — 1, 1.

Adriano X. Nel.

(10)

Aquela pequena, lobriguei-a eu em frança quando andei em digressão. — 2, 1.

Monteiro II.

◆◆◆

## Sincopadas

(11)

3 — A mulher foi à missa do sétimo dia. — 2.

Fantasma Negro.

(12)

3 — Nesta tenda, está um lindo animal. — 2.

Monteiro II.

◆◆◆

## Maçadas geográficas

Formar o nome duma terra portuguesa com as letras da seguinte frase:

(13)

CHECOLATE

Tripeiro.

(Retribuindo ao confrade ilustre Horaciano)

(14)

MERCI, PAPÁ D. HORACIANO

Olegna.

◆◆◆

## Provérbio a adivinhar

(A' ilustre confeiteira Serigaita)

(15)

A' loja do Nicolau,  
Dirigiu-se a D. Berta,  
Para escolher bacalhau,  
Julgando-se muito esperta.

Depois de muito escolher,  
Trouxe de lá o pior;  
Porém, no seu entender,  
Aquele é que era o melhor.

Ficou muito contristada,  
Quando lhe disse o marido:  
— Isto não presta p'ra nada  
Este badejo é ardido! —

Ao ver que êle razão tem,  
Recordou-se a D. Berta  
Do provérbio que diz:....

.....

Monteiro II.

# Terras da nossa Terra

## Cartas da Praia de Ancora

Como todo o bom burguês que faz economias, fugi também do calor insuportável da cidade, para este recanto do Minho, junto do mar.

Depois de duas horas de angustiada viagem, o combóio desce a correr por entre os pinheiros da Gelfa, assobiando uma ária exqu岸ita. Guardei no bôlso o *Primeiro de Janeiro*, companheiro com quem conversara até aos anúncios, e com alvoroço, de pé, à janela, vi surgir ante meus olhos esta linda Praia, fresca e perfumada, estendida à beira do rio que em curvas sinuosas lhe beija o corpo de virgem.

Praia de Ancora! Num chiar de travões e arfar de vapor, pára bruscamente o rápido das cinco, donde salto alegremente. Solicito, o carregador n.º 1, meu antigo e bom amigo, vem trazer-me as boas-vindas, no seu fato de ganga, descobrindo uma careca luzidia onde este sol quente de Julho põe reflexos azulados. Pondo fim ao rosário de cumprimentos, meto-lhe na mão as guias, gritando:

— As minhas bagagens, homem, que tenho pressa de chegar a casa e mergulhar num banho e tirar esta porcária de pó e suor que me abafa...

Pela gare corre para mim, de braços abertos, o grande amigo A. B., espanhol de Orense, todo de branco e alegre. Ri satisfeito.

— Yo tambien lleguei hoy...

— Bravo, a tua família?... Tudo bom? O teu irmão? As tuas irmãs... já casadas?

Um pouco desanimado:

— No. Se quedaram em Orense, pero llegam mañana.

— Eu não sei se deva tratar-te por doutor; formaste-te este ano?

— Ya añô passado havia hecho algunas licenciaturas, pero este añô me he formado en muchas cosas más!...

— Parabens!

E com outro abraço desapareceu na baranda do cais este amigo espanhol.

Já pela estrada, onde lindos *chalets* se alugam, seguem, num velho carro que a civilização poupou, as minhas malas que parecem estoirar de calor nas correias que as apertam, para a minha czinha branca à beira-mar.

Entre gargalhadas cristalinas e olhares cinéfilos passam, como ninhadas delirantes, bandos de raparigas, leves e vaporosas, vindas de terras distantes a oferecer os seus corpos divinais à frescura encbriante dos abraços do mar, seu amante eternamente insatisfeito.

Enfim, cheguei a minha casa, que se eleva na Avenida, à beira-mar, espregitando indiscretamente a praia imensa de areias muito finas, onde se alinham toldos multicolores e, à sombra dêles, parzinhos de namorados apertam as mãos, vivendo sonhos de amor em ternos olhares.

Refeito com um banho, fui dar a minha primeira volta pela Praia. As mesmas caras do ano passado... talvez mais pintadas. Absortos nos seus idílios, julgam que só o mar os ouve; porém, a minha modesta pessoa, que passa desaperecebida, vai ouvindo, como o mar, as queixas de ciúme e as promessas de felicidade pra quando... terminar a crise. E, assim, para matar o tempo, anotarei as bafaradas de prosápia daqueles senhores que passiam as suas obesidades, besuntadas com uma cultura barata, e, das pequeninas folgueiras que o amor atíça, irei discretamente recolhendo as palavrões doces, as zangas e algum... escandalozinho inofensivo.

Celestino Nuno da Silva.

## Da terra das albardas

(A semana de Penafiel)

*Aflicção dum pai...* — Há já bastante tempo que um pai procura aflitivamente as suas duas filhas, ambas de nome *Estelas*.

Segundo suposições, estas duas meninas teriam fugido na companhia de um *frade devasso* que, segundo parece, residiu entre nós há uns 400 anos. Porém há quem diga que essa hipótese está posta de lado, porquanto já em tempos se desenterrou da *fria cova* o referido *frade*, constando, porém, que êle era incapaz de semelhante façanha...

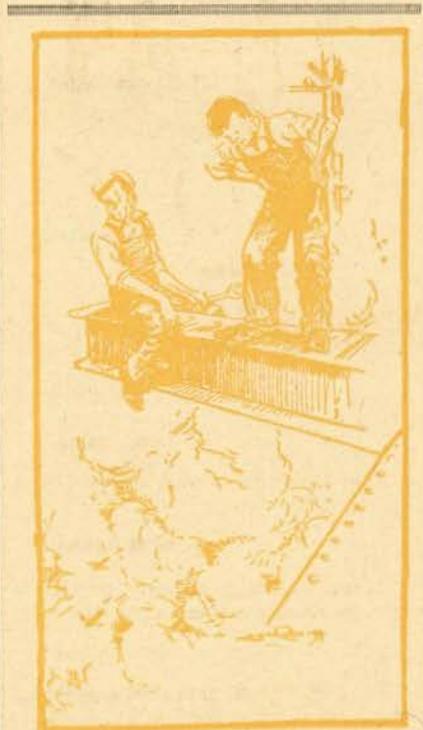
Segundo opinião de outros, as referidas *meninas*, desgostosas com o pai, ter-se-iam deitado a um poço. Porém já a Corporação de Bombeiros desta cidade começou as suas sondagens, tendo *estancado um poço*, embora sem resultado.

O pai das referidas meninas teria imenso empenho em as encontrar, ainda que com a parte *descoide* mais ou menos avariada, para completar uma *história*.

A *pedir chuva* — Anda imensa gente desta Santa terra a pedir... *chuva*.

*Milagre* — Segundo consta — não garantimos a veracidade do facto — a *granada* pariu um rato.

*Enfim!* — Está quasi concluida a construção da palhoça para uma exposição de processos pendentes e a pender.



— Sabes? Estou convencido de que, se caísse de aqui a baixo, fazia uma grande falta à humanidade.

— Falas como o Hitler. Isso é a vertigem das alturas.

?? — Há falta de palha em Penafiel. Desconhecem-se as razões.

O *liceu* — Tem causado fortes engulhos aos interessados a criação de um liceu nesta abençoada terra de Cristo, que até dá importância àqueles que nunca deveriam passar de uns *simples*.

Os jornais falaram, falaram, e nada...

Mas, seja-me permitido perguntar: Para quê um Liceu? Não estará mais que provado que quantos mais *doutores* pior?

Em *fasseio* — Retirou-se por uns meses do nosso convívio o Toninho da Bôla, o que de-veras sentimos. O seu trato afável, as suas maneiras delicadas; as suas falinhas nervosas mas encantadoras, prendiam todos quantos o conheciam. Estimamos o seu breve regresso para gáudio de quantos com sua ex.ª convivem.

Mal da *perna* — Em sinal de protesto todo o funcionário que tiver baixa de vencimento deverá andar *manco da perna*. Consta-nos mesmo que o grupo em formação *Avariados da perna* tenciona convocar uma Assembleia Ordinária para resolver certos casos *bicudos*.

Conferência — O Juiz da Ordem do Manguito, a exemplo do sucedido há anos, vai fazer uma conferência sobre o tema «*legal ou ilegal, que importa?*» O grupo dos *Jovens turcos* assistirá com o seu estandarte e respectivo *Jazz Espiga*. No fim será feita uma descrição de *pau*.

Macas — Alugam-se para transporte de etilizados, vendendo-se também uma certa quantidade de *Ingnominia*. Para tratar na Cova da...

Bom senso — Certas pessoas de destaque e com *inúmeras relações* desejam adquirir uma quantidade razoável de *bom senso* para uso próprio e para oferecer a certos amigos. Aceitam-se propostas.

Representação — Terminou o primeiro acto da farsa «*Será isso assubir, Lord Kaká?*» Belíssima máscara e desempenho assombroso do principal intérprete quando um amigo lamentou que esse tivesse abusado do seu nome... Tão bem que *inté* parecia ao natural.

Veio e foi-se... — Propositadamente para assistir à reunião esteve aqui a Espiga, que desempenhou um lindo papel. Deu o recado muitíssimo bem, e foi-se...

Lamentos — Na vizinha freguesia de S. Tiago lamenta-se profundamente que este ano as primas do ilustre *Vaudequé* não tivessem vindo para ali verancar como nos anos findos. Eram elas a alegria dos campos repletos de milho doirado, saltitando que passarinhos perseguidos por feroz caçador... *Razões fortes*, porém, impediram que suas ex.ªs viessem até nós. Tencionam frequentar a *Colônia Arco Iris*, a que pertencem.

Princípios e fins — Negam-se certos cavalleiros, por certos princípios e porque não acham a ocasião oportuna, a assinar uma mensagem. Mas *nos fins de contas* vão no dia seguinte assistir ao banquete... Pois se o *comer e o coçar* está no começar...

Livro — Vai-se publicar um livro que deve interessar a todos os cidadãos do concelho. Intitula-se *Processos a fingir e...* pendentes de autorizações.

Fecho — Uma *noiva* para o *espôso*. — Afinal vocês vão ter com os nossos pais e pedem-lhes a nossa mão. Eles anuem ao pedido, e depois, depois vocês abusam...

Ultima hora — Fazem-se preces ardentes para que chova. O céu mostra-se carrancudo e feio. O vento sul ameaça tempestade. Chove? Não! Por enquanto só *pingas*.

Albardeiro.

Albano Ramos Pais & Filho

ALTA COSTURA

Ateliers de vestidos e roupas brancas

Rua Sá da Bandeira, 166 — PORTO

TELEPHONE 4258

# Aquilo que nós sabemos

## Grande Concurso Poético da MARIA RITA

*Ainda outra vez, pelo grande número de quadras recebidas até ontem na nossa redacção, somos forçados a dividir o mote em concurso por dois números, o que, sobremaneira, nos transtorna os cálculos.*

*Por este andar, nunca mais acaba esta secção, tal é o entusiasmo dos nossos leitores, que assim nos provam as atenções que nos dedicam.*

*Muito obrigados e até a semana, que é quando daremos a quadra da redacção e a nota das premiadas.*



Há quinze dias p'ra cá  
Que me derreto, suando.  
Ando meio morto já;  
*Já não sei às quantas ando.*

**Adriano X. Nel.**

Com as damas de Caldeias  
Ando o Amor estudando...  
Como eu amo a tôdas elas,  
*Já não sei às quantas ando!...*

**Alfredo Cunha (Raza).**

Em Caldeias, das entranhas,  
O hipergaz rebentando:  
Põe-me a cabeça às aranhas,  
*Já não sei às quantas ando.*

**Shoraca.**

Estas águas de Caldeias,  
Tem-me pôsto um pouco brando:  
Vou-me pôr a cavar d'elas,  
*Já não sei às quantas ando.*

**El Sapi.**

Nesta praia de Francelos,  
Em que o clima é tão brando;  
Eu ao ver tantos marmelos,  
*Já não sei às quantas ando!...*

**Rei dos Nabos.**

Com tantas revoluções,  
Com tanto, tanto comando...  
Com tantas consumições,  
*Já não sei às quantas ando!*

**Sacripanta.**

Zé Povinho, pobre Zé,  
As bolas te vão tombando...  
Atagar o «Sempre-em-pé»,  
*Já não sei às quantas ando.*

**Díflia Galo.**

Quando outro dia te vi  
E contigo fui brincando  
O meu relógio perdi  
*Já não sei às quantas ando.*

**M = 2.º**

O' lampeão da calçada  
Que me 'stás alumando  
Tomei tamanha «tachada»  
*Já não sei às quantas ando.*

**Francisco Rodrigues.**

Só tenho mas é «bazófia»  
Quando estou conversando  
Mas... se acaso surge o «bófia»  
*Já não sei às quantas ando.*

**Mário Soares.**

Com este forte calor  
Que nos 'stá atormentando  
Trago a cabeça ao redor  
*Já não sei às quantas ando.*

**Manuel Monteiro.**

Eu desfaço-me em choro  
Por me chamarem malandro  
E por causa de um namôro  
*Já não sei às quantas ando.*

**Tom Mix.**

Quando te vou namorar  
Cheiras tão bem — não cheirando  
Mas... de tanto te beijar  
*Já não sei às quantas ando.*

**Fantasma Negro.**

Eu contigo me desgraço  
O dinheiro vou gastando  
Pus o relógio no «chaço»  
*Já não sei às quantas ando.*

**Vensódias.**

— Acredita meu amor —  
Quando te estou namorando  
Sinto em mim um tal calor!...  
*Já não sei às quantas ando.*

**Monteiro II.**

Ontem à noite o Monteiro  
Comigo 'steve brincando  
Pôs-me o corpo n'um brasciro  
*Já não sei às quantas ando.*

**Bébé Daniels.**

Meu amor queres receber  
Esta carta que te mando  
E por eu a escrever  
*Já não sei às quantas ando.*

**Ti ti Rei dos gaiatos.**

Não me fales da janela,  
Nem pela frincha espreitando,  
Minha mulher deu por ela...  
*Já não sei às quantas ando.*

**Octávia Maria.**

Passaste por mim, sorriste  
— Não sei onde, nem sei quando;  
Transtornar-me conseguiste  
*Já não sei às quantas ando.*

**Diliana.**

Com o tempo que tem feito  
Ora quente, ora ventando,  
Ando mesmo contrafeito  
*Já não sei às quantas ando.*

**B.**

Cunha da Raza encontrei  
Com três jovens conversando  
Diz-me êle: — nisto sou o rei  
*Já não sei às quantas ando.*

**Beçudo.**

Desde que tu MARIA RITA  
Não publicas o que mando,  
Por te ver tão exquísita  
*Já não sei às quantas ando.*

**Capstang.**

Com o calor de rachar  
Que estamos atravessando,  
Transpirando sem cessar,  
*Já não sei às quantas ando.*

**Agá Larbac.**

Quando chega à minha beira  
A minha sográ, berrando,  
Eu perco logo a estribeira,  
*Já não sei às quantas ando.*

**Olegna.**

Desde que vi o teu corpo,  
Fiquei louco, divagando...  
Estou vivo? estou morto?  
*Já não sei às quantas ando.*

**Francisquinho.**

De tanto tanto b'ber,  
Vim para casa cantando;  
Agora posso dizer:  
*Já não sei às quantas ando.*

**H R F.**

Eu não sei onde nasci...  
Faço anos, não sei quando...  
Não sei mesmo o que ontem vi...  
*Já não sei às quantas ando!*

**Sepol.**

Bebendo um copo de vinho,  
Eu fico cantarolando;  
E depois, pelo caminho,  
*Já não sei às quantas ando.*

**Lopes Pereira.**

MARIA RITA foi bela,  
Há pouco dançava o tango  
Eu chegando à idade dela,  
*Já não sei às quantas ando.*

**Tiro-Tino.**

Manca aqui, manca acolá.  
Lá vai ela sempre andando...  
— E' minha sogra, aí está. —  
*Já não sei às quantas ando.*

**P. P. P.**



DECIMA PRIMEIRA PEÇA DO CONCURSO

## A QUEDA DOS FILIPES

Em que se contam os factos mais notáveis da História desde o ano de quinze tostões e quatro vinténs (1580) até ao de dezasseis tostões e um pataco (1640) segundo os cronistas dos jornais da época

### PRIMEIRO ACTO

UM CAVALEIRO PORTUGUÊS (*chegando às portas da Africa, à frente do exército de D. Sebastião, o Desejado*) — Truz! Truz!

UM SOLDADO ARABE (*de dentro*) — Quem é?

O CAVALEIRO — Abre, por Santiago!

O SOLDADO — A que vindes?

O CAVALEIRO — Somos chegados de longes terras com um poderoso rei.

O SOLDADO — Por Allah! Sois cristãos e vindes violar o nosso território!

O CAVALEIRO — Violar? Não! Vilões não somos e só usamos guitarras. Três mil, ou mais, havemos sobre as armaduras.

O SOLDADO — Passai de largo. As portas de Africa se não abrem aos cristãos!

O CAVALEIRO — Arrombaremos as portas! (*lança para dentro uma lança em Africa e, em tropel, os cavaleiros portugueses arrombam as portas do continente negro*).

### SEGUNDO ACTO

FILIFE II (DE ESPANHA) (*em Madrid, no Palácio Real, interroga o sr. Azaña*) — Que novas me dás de D. Sebastião?

O PRESIDENTE — Não há dèle novas nem mandados, real senhor. A Havas anuncia que o Cardeal D. Henrique que tem governado Portugal...

FILIFE II — Um cardeal! Abaixo a Reacção!

AZAÑA (*findando a frase interrompida pelo acesso de cólera do rei*) — ...que o Cardeal acaba de falecer...

FILIFE II — Está, então, Portugal sem rei?

AZAÑA — E' verdade, meu senhor. UM CRIADO (*entrando*) — Vossa Ma-

gestade quer tomar alguma coisa?

FILIFE II — Vou tomar Portugal...

### TERCEIRO ACTO

O DUQUE D. JOÃO (*sessenta anos depois, lendo o «Diário do Governo»*) — «Hei por bem decretar que os seguintes fidalgos portugueses marchem a engrossar os meus exércitos que vão marchar para a Catalunha...». Contra a Catalunha! E eu que sou amigo de Maciá!... (*fica em profundas cogitações...*).

UM CRIADO (*anunciando*) — O sr. João Pinto Ribeiro...

O DUQUE — Manda entrar...

JOÃO PINTO (*entrando*) — Sr. Duque: trago aqui uma revolução já fabricada e pronta. Como V. Ex.<sup>a</sup> sabe, amanhã é o dia 1.<sup>o</sup> de Dezembro, que a tradição manda que seja o dia da Restauração...

O DUQUE — E' verdade! Tinha-me esquecido. Eu nunca fui forte em fixar datas. Mas a revolução está bem preparada? A Policia não desconfia de nada?

JOÃO PINTO — De nada, senhor. Falta só o seu assentimento.

O DUQUE — Eu não sei...

A DUQUESA (*pondo ponto na questiúncula*) — Vai, João Ribeiro, e dize aos conjurados que a Restauração tem um rei. Mais vale ser rainha tóda a vida do que duquesa todo o dia...

### QUARTO ACTO

MIGUEL DE VASCONCELOS (*lendo um compêndio de história*) — E na manhã gloriosa de 1.<sup>o</sup> de Dezembro, quarenta conjurados... (*interrompendo se bruscamente*) Oh! c'os diabos! E' hoje! Chefe das guardas!

O CHEFE DAS GUARDAS — O sr. Ministro chamou?

MIGUEL DE VASCONCELOS — Reforça a guarda do Palácio. Liga o telefone para Madrid.

O CHEFE DAS GUARDAS (*liga o Rádio*).

O RÁDIO — Allô! Allô! Daqui Madrid. Vamos radiar um auto de fé em que vão ser queimados dezasseis...

MIGUEL DE VASCONCELOS — Para lá com isso! O telefone! Foi o telefone que eu mandei ligar!

VOZES (*fora*) — Oh! Oh! Oh! Viva! Morra!

MIGUEL DE VASCONCELOS — O que é isto?

O CHEFE DAS GUARDAS (*à janela*) — E' já tarde, meu senhor. Os conjurados entraram no Palácio.

MIGUEL DE VASCONCELOS (*metendo se debaixo da mesa*) — Tudo perdido!

O CHEFE DAS GUARDAS — Ai não, sr. Ministro! A História diz que se escondeu num armário!

MIGUEL DE VASCONCELOS (*dirigindo-se ao armário*) — Cumpra-se, pois, a História... (*mete-se no armário. O Chefe das Guardas dá um tiro na cabeça. Os conjurados entram a cantar o hino da Restauração*).

Cai o pano.

Rui de Ortega.

### CARTAZ DE HOJE

*Sá da Bandeira*: No próximo mês, estreia da Companhia de revistas do Teatro Avenida.

*Rivoli*: Os filmes *O meu último amor* e *Marido infiel*.

*Batalha*: A engraçada comédia musical *Ama-me esta noite!*

Visitem **ESPINHO** -- Magnífico Casino

# PIM-PAM-PUM

## PONTO FINAL



Ora cá temos nós o “gajo”. Tem a beija um bocado comprida, mas temos a impressão que ainda há de haver concorrentes que ficam com ela pior.

No próximo número daremos a lista completa dos pontos atribuidos a cada concorrente.

Na nossa segunda página vai inserta a lista correspondente à quarta semana.

---

No próximo número iniciaremos um novo e **SENSACIONAL CONCURSO** a que daremos o popularíssimo título de

## CONCURSO DO PAPEL RASGADO

E que consiste no seguinte:

Há dias, uma menina muito das relações do nosso **Dr. Knox**, zangou-se com êle e mandou-lhe as cartas e o retrato. Eram **cinco** êsses preciosos documentos que o nosso director recebeu num momento alucinado. Desta alucinação resultou que as cartas foram parar ao cesto dos papéis, rasgadas precisamente pelo meio. Horas depois, Dr. Knox arrependido e triste, desatou a procurá-las novamente. Mas de tódas elas só encontrou metade de cada uma, porque as outras metades guardava-as o Zé de Artimanha, não se sabe bem porquê.

Lavra, por isso um grande descontentamento entre os nossos dois directores que resolveram entre si trazer a questão a público, para o público resolver.

Dr. Knox, portanto, publicará durante **cinco semanas** a fotografia das metades que tem em seu poder, e pede aos concorrentes o favor de completarem o que falta dessa carta semanal.

O corte foi feito com tal maestria que segundo o testemunho do Artimanha faltam precisamente **25 palavras** em cada carta rasgada, ou seja no total, **125 palavras**.

E' claro que será compensado o esforço do público; e assim aos concorrentes que conseguirem acertar **com 100 palavras iguais** às que estão nas metades do Zé de Artimanha, serão distribuidos **5 prémios de 100 escudos cada**. E entre os que atinarem com mais de **75 palavras, 10 prémios de 20 escudos cada**.

Também os que só igualarem **50 palavras, terão 30 prémios de 10 escudos cada**.

Na seguinte semana será publicada a metade da carta referente à semana anterior. A **pontuação não se conta**, mas contam-se as palavras emendadas.

E' um **concurso alegre, instrutivo e remunerador**.

Vamos, portanto para o

## CONCURSO DO PAPEL RASGADO